



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TEL

A
 Biblioteca Geral da Universidade
 de Coimbra
 COIMBRA

BOM COMEÇO DO ANO

De harmonia com a nova orientação litúrgica, o novo ano começa com uma festa em honra de Nossa Senhora — a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Feliz ideia de quem assim determinou.

Na verdade, começar o ano com uma festa de Nossa Senhora é colocar o ano todo sob a sua maternal protecção. E de quanta protecção não precisa o ano, isto é, a Igreja, o povo de Deus, todo o mundo afinal!

Já o próprio Jesus colocou a Igreja nascente sob a protecção de sua Mãe.

Através dos tempos e dos séculos os Sumos Pontífices não se cansaram de invocar Maria Santíssima como protectora e auxiliadora e ainda há bem poucos anos o actual Pontífice, Paulo VI, a proclamou Mãe da Igreja. É bem precisa é a sua protecção de Mãe nos tempos presentes.

Da parte dos inimigos, a Igreja sofre guerras e perseguições e empregam todos os meios modernos para a ridicularizar e combater. No seio da própria Igreja há confusão, desertores e traidores: uns porque se deixam arrastar pela corrente; outros porque se julgam iluminados e todos porque mergulham numa grande crise de Fé.

Isto não é novidade, nem é caso único na História da Igreja. Crises de Fé, perseguições e traidores houve-os sempre desde Judas até aos nossos dias. Mas a Igreja tem a promessa de vencer, tem a certeza de que as portas do inferno não prevalecer contra ela — e a prova são 20 séculos de vida.

No entanto essa promessa e essa certeza não evitam que muitos fiquem pelo caminho, que muitos caíam banhados pelo seu próprio sangue, que haja mortes, dores e lágrimas.

A Igreja e todo o povo de Deus precisa, pois, da protecção de Santa Maria, Mãe de Deus, que é também nossa Mãe. Ela pode valer-nos porque é Mãe de Deus; quer valer-nos porque é nossa Mãe. Há pois um motivo de esperança no começo do novo ano.

Que todos os cristãos saibam confiar na sua protecção maternal. Mas confiar não quer dizer cruzar os braços, deixar correr, estar à espera no que as coisas param. Cada um deve rezar e trabalhar, viver uma vida realmente cristã, merecer com seu modo de viver, o auxílio de Maria Santíssima e só depois confiar na Mãe de Deus, como se tudo dependesse d'Ela.

Pelo Santuário

NOVO CAPELÃO

Por falta de saúde, o Sr. Padre Mário Brito vai deixar o cargo de capelão da Senhora das Preces.

Para o substituir vai ser nomeado o Sr. P.º António Lopes de Sousa, muito digno Prior de Avô, que virá celebrar a Santa Missa, na igreja da Senhora das Preces, aos domingos e dias santos de preceito.

A pedido do Sr. Prior de Aldeia das Dez, já desde o princípio de Dezembro que está a fazer este serviço.

A nomeação deverá ser feita pelo Senhor Bispo de Coimbra, a pedido do Pároco de Aldeia e mediante proposta da Mesa da Irmandade.

REUNIÃO DA MESA

Para tratar de assuntos correntes e tratar do assunto da capelania, reuniu-se a Mesa da Irmandade no dia 9 do corrente.

OBRAS

Os telhados das capelinhas foram reparados, alguns le-

(Continua na página 4)

SÃO PAULO

No dia 25 de Janeiro celebra-se em todo o mundo católico a festa da conversão de S. Paulo, ou melhor de Saulo que depois tomou o nome de Paulo.

Esta festa é para dar graças a Deus por tão maravilhosa conversão e pela missão especial de ser destinado para ir pregar o Evangelho aos Gentios.

Saulo era judeu de sangue, de nação e tinha nascido em Tarso.

Seu pai professava a seita farisaica, isto é pertencia ao número daqueles judeus que faziam profissão de serem os mais exactos observantes da lei e de seguirem a moral mais rígida.

Em Jerusalém, na escola de Gamaliel célebre doutor da lei, aprendeu tudo quanto pertencia à religião, costumes e cerimónias dos judeus.

Quando os Apóstolos começaram a pregar a doutrina e o nome de Cristo crucificado, os judeus perseguiam-nos, chamavam-nos aos tribunais e infligiam-lhes os maiores tormentos e castigos.

Saulo, furioso defensor da sua seita, julgando defender a do próprio Deus, tomou o comando da perseguição aos cristãos e a todos os que invocassem o nome de Jesus Cristo e de tal modo, que só o nome de Saulo de Tarso infundia terror e fazia tremer até as pedras das calçadas.

Um dia Nosso Senhor disse aos Apóstolos que havia de vir tempo em que seriam maltratados e até lhes dariam a morte, julgando os seus inimigos que faziam um grande benefício e um grande favor a Deus por isso.

Saulo julgava que fazia um grande favor a Deus perseguindo os cristãos e foi para lhe fazer ver o contrário que Deus o fulminou com a sua graça e com a sua luz — graça tão sobrenatural que lhe converteu o coração, luz tão intensa que lhe iluminou a inteligência.

Saulo, Saulo, porque me persegues?



Saulo, fulminado pela graça divina, cai do cavalo no caminho de Damasco. De temível perseguidor dos cristãos, tornou-se um fervoroso e incansável apóstolo

A voz não dizia porque persegues os cristãos, mas sim porque me persegues.

É Cristo quem fala, é Cristo que é perseguido.

«Quem vos ouve a mim ouve. Quem vos persegue a mim persegue».

«Quem és tu, Senhor? — Eu sou Jesus a quem tu persegues.

— Senhor, que queres que eu faça?

— Levanta-te e entra na cidade e lá se te dirá o que tens a fazer».

Diálogo maravilhoso que transforma por completo o coração dum homem.

Desde este momento já não é Saulo, mas Paulo; já não é fariseu, mas cristão; já não é adversário, mas amigo; já não é perseguidor, mas apóstolo.

A vida extraordinária de S. Paulo pode servir de tema de meditação para todos, até mesmo porque a sua doutrina ainda hoje é actual e a sua voz ainda chega até nós.

(Continua na página 4)

SENHORA DAS PRECES A GRANDE ROMARIA DAS BEIRAS

Já todo o mundo sabe, mas não é de mais lembrar, que a festa da Senhora das Preces, a grande Romaria das Beiras, se realiza sempre no primeiro domingo de Julho que este ano é no dia 2.

Mas como a véspera também é festa, a grande Romaria realiza-se então nos dias 1 e 2 de Julho.

Não esqueça. Aponte na agenda para não esquecer 1 e 2 de Julho — Festa da Senhora das Preces.

Dizem Velhos Manuscritos

(Continuado do número 234)

e, temendo um desenlace fatal, casou com D. Maria da Encarnação de Jesus Costa, mãe dos três últimos filhos citados.

Depois de alguns dias de amargas incertezas o doente sentiu ligeiras melhoras; a chama da vida que estava prestes a extinguir-se, de novo se reacende, enchendo de esperança os corações amigos que rodeavam o seu leito de sofrimento.

Felizmente essas melhoras acentuam-se em cada dia que passa; até que, finalmente, os médicos julgaram o doente livre de perigo.

E salvo, assim, milagrosamente e sentindo que a antiga Fé — da qual, durante tantos anos, tinha vivido afastado — voltava de novo ao seu coração, decide fazer uma confissão geral abrangendo toda a sua vida passada...

Lembro-me que, quando às 8 horas da manhã eu ia a caminho do liceu, topava frequentemente o simpático velho que ia em direcção à Sé Nova de Coimbra onde, durante horas ajoelhado, lia devotamente um livro de Meditações.

Foi assim que o José Guilherme Hall redimiu o seu passado de descrença, levando até à sua morte uma vida de penitência e renúncia.

A esposa, D. Maria de Jesus Costa, nasceu também em Vila Pouca da Beira a 1 de Agosto de 1852 e era filha de José da Costa Pereira Coelho e Maria da Encarnação.

N) José Guilherme da Mota

Este neto do Guilherme António Hall era filho de António da Mota e Delfina Maria Hall. Nasceu em 29 de Setembro de 1847 e casou em Avô para onde foi residir. Aí nasceram os seus dois primeiros filhos: Angelino e António.

Depois de enviivar voltou para a sua terra natal com seus filhos.

Era um hábil ferrador, profissão que seus filhos vieram também a escolher.

Em 1897 casou, novamente, com Catarina de Jesus, exposta na Roda de Coimbra e criada por Albino Mendes Dias e sua mulher Angelina Maria de Jesus. Deste casamento, houve mais três filhos: Eduardo (1898), Alfredo (1902) e Guilherme da Mota que casou em 1933 com Carolina Marques Alves.

Deste ramo da família Hall, desapareceu o apelido irlandês.

O) Maria Delfina

Era filha de António da Mota e Delfina Maria Hall e nasceu em 17 de Setembro de 1849.

Teve uma filha, de nome Maria do Patrocínio, nascida em 2 de Dezembro de 1880 que ainda vive não obstante a fraca compleição que sempre teve e os 90 anos que já conta.

Foi ela que, com sua avó Delfina Maria Hall, criou até à idade escolar o «Julinho» que, mais tarde, havia de ser o Dr. Júlio Anahory Calheiros, 3.º conde da Covilhã, nascido em Aldeia das Dez a 18 de Novembro de 1899.

P) Francisco António Guilherme Hall

Nasceu este neto de Guilherme António Hall em 6 de Setembro de 1852 e era filho de José Joaquim António da Costa Madeira e Leonor Maria Hall.

Casou com Maria José, natural de Anceris onde se receberam.

Deste casal, nasceram seis filhos dos quais o António, nascido em 1886, faleceu em 2 de Janeiro de 1889 e Maria Leonor nascida em 2 de Maio de 1880, faleceu solteira em Março de 1970.

Os restantes ainda vivem e são eles: Alfredo António Guilherme Hall que nasceu em 7 de Julho de 1883, Maria de Ressurreição Hall que nasceu em 14 de Fevereiro de 1888, Carolina de Jesus Hall que nasceu em 21 de Novembro de 1890 e Feliciano Guilherme Hall que nasceu em 7 de Outubro de 1899.

A Maria de Ressurreição e a Feliciano são diplomadas em professoras do ensino primário; o Alfredo António Guilherme Hall cursou no Seminário de Coimbra algumas cadeiras de preparatórios para ingressar no curso teológico.

Não se sentindo, porém, com vocação para a vida sacerdotal desistiu de continuar os seus estudos naquele estabelecimento de ensino.

Teve bastantes filhos dos dois matrimónios que realizou, todos inteligentes e muito trabalhadores, ocupando lugares de destaque no meio social em que vivem, como o Dr. Arménio Hall que é Juiz de 1.º classe em Luanda e o Dr. Aristides Hall.

Q) Ana Leonor Guilherme

Em 3 de Março de 1886 esta neta do Guilherme António e da Maria Bernarda, casou com Manuel Marques Madeira natural de Penalva de Alva, para onde o casal, parece, ter ido residir.

Era filha de José Joaquim António da Costa Madeira e Leonor Maria Hall.

R) Delfina Leonor Guilherme Hall

Nasceu a 26 de Julho de 1864 e casou com Bernardino da Fonseca Dinis, em 8 de Janeiro de 1890.

Teve o casal 5 filhos a saber: Augusta Dinis Hall que nasceu em 17 de Janeiro de 1891 e casou com Francisco Dias da Silva que, ao falecer, deixava 2 filhos Albertino e Gracinda; Raquel que nasceu 1893 e faleceu em criança; Maria Máxima Dinis Hall que nasceu a 22 de Janeiro de 1894 e casou com Carlos Pais Quintino em 31 de Janeiro de 1927; Henrique que nasceu em 1895; e Francelina que nasceu em 13 de Setembro de 1899 e faleceu solteira em 15 de Novembro de 1965.

Páscoa, 1971.

DIAMANTINO AMARAL

Todos nós, que fomos baptizados, nos temos de considerar em missão, ou seja, como enviados do Senhor Deus a determinados pontos estratégicos de um campo de batalha.

A primeira tentação a combater, com o máximo de vigor, é a de separar, em compartimentos estanques, a actividade profissional e a actividade apostólica, que é própria do militante cristão. E porquê?

Porque é precisamente aí, na actividade profissional, que nós cristãos devemos trabalhar pela palavra e pelo exemplo em favor dos nossos irmãos e pela glória de Cristo.

Ele, o Chefe Supremo, quer que saibamos transformar, à custa de muita persistência, todo o nosso trabalho num instrumento eficaz de apostolado em qualquer parte onde estivermos e trabalharmos.

Só assim seremos fermento do mundo, para o transformar em melhor; se a nossa missão for levada a cabo teremos contribuído para manifestar aos homens que ser cristão é viver entre os homens de modo muito diferente dos que, dizendo-se também cristãos, nada fazem como seguidores de Cristo, pois por vezes nem sequer sabem quem Ele é e do modo como nos veio salvar.

Claro que trabalhar como apóstolo em todo o lugar exige sacrifícios; claro que isto é penoso e desconfortável; claro que isto é romper abertamente com aquele tipo de católico que pregava a renúncia aos bens materiais, enquanto ele era duma avareza intolerável; ou daquele que pregava contra a devassidão dos costumes,

SOMOS OU NÃO SOMOS CRISTÃOS?

quanto ele se comportava como os sultões da Turquia; ou como aqueloutro que afirma sem cessar que no seu tempo era só uma comunhão por ano, e desconhece ainda que Cristo é Pão quotidiano para todos os que O amam.

Levar Cristo para trás do balcão, do «guichet» ou da secretaria, sentá-lo à mesa do Conselho de Administração, mostrar-lhe as contas do negócio, o modo de emprego dos capitais, a distribuição dos lucros, as condições de trabalho, fazê-lo acompanhar-nos dia e noite, mesmo quando há tentações sedutoras, claro que isto é tremendamente difícil.

Trabalhar com Ele na oficina, no estaleiro, na campanha, na construção, no negócio e estar atento, o mais atento possível, ao que Cristo exige de nós é, nos tempos que vão correndo, um acto de coragem.

O Senhor não nos pede apenas dez minutos de visita — quão poucos cristãos a fazem? — três quartos de hora da Missa de Domingo — e quantos cristãos inconscientes ou ignorantes nunca aparecem sequer na grande reunião da Missa Dominical em suas igrejas ou capelas! — nem nos pede apenas algumas orações diárias — e quantos cristãos sem fé nunca rezam, pois nunca se lembram dum Deus a quem tudo devem! — pedem-nos Cristo muito mais: pedem-nos o tempo todo, que a nossa vida toda seja dele.

Quando nos convenceremos desta verdade cristalina? Quando nos converteremos a este cristianismo autêntico e deixaremos de ser cristãos rotineiros, apenas porque fomos baptizados e queremos um dia que o padre nos acompanhe com as orações da Igreja à sepultura?

Um cristão de verdade, um apóstolo de Cristo — e todos os cristãos o devem ser — é alguém que se comprometeu a seguir a Cristo na sua vida toda. É sobretudo amá-lo totalmente porque Cristo não é alguém abstracto, mas é a Pessoa adorável do Filho de Deus que esteve no mundo fisicamente e continua no meio dos homens presente na sua Igreja, nos Irmãos, no Sacrário das nossas igrejas e no altar do Sacrifício da Missa.

Somos ou não somos cristãos? Cada um de nós deve escolher o seu lugar na Igreja de Deus. Os seguidores de Cristo estão com a Igreja do Senhor na fidelidade constante, numa fé activa, na reunião das assembleias dominicais, no exercício da caridade, na luta contra as injustiças e isto tudo em todas as circunstâncias, e custe o que custar. Cristo é exigente e aqueles que o querem seguir com fidelidade e amor têm de ser corajosos. Ele detesta os cobardes e hipócritas que não são capazes de seguir com ele e com a sua Igreja.

ASSINATURAS PAGAS

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Francisco Caldeira Monteiro, Lagares da Beira.

Armando Mendes Correia, Vale de Maceira.

Mário Dias Correia, Vale de Maceira.

Hortencio Alves Luis, Porto de Mós.

Armando Lopes Pereira, Lisboa.

Manuel Nunes dos Santos, Balocas.

D. Delfina da Conceição, Vide. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

José Ambrósio, Pereiros — S. Vicente da Beira.

José Dias de Oliveira, Lisboa. Augusto Mendes Abranches, Aldeia das Dez.

José Nunes Mendes, Aldeia das Dez.

Joaquim Ferreira, Castanheira de Pêra.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

António Nunes Gomes, Aldeia das Dez.

Domingos Gil Pereira, Ta- boeira.

Evaristo Marques dos Santos, Lisboa.

António Gabriel dos Santos, Lisboa.

D. Adelina da Conceição de Moura, Aldeia das Dez.

Fernando Guilherme Duarte das Naves, Lisboa.

António Marques da Costa, Setúbal.

Armando Formigo, Aldeia das Dez.

António Henriques Freire, Barriosa.

Manuel Quintino da Silva, Lisboa.

José dos Anjos Marques, Lisboa.

António Vitor Borges Nunes, Larangeiro.

António Silva Marques, Santa Ovaia.

D. Margarida Freitas da Silva, Quinta da Costa.

D. Maria da Encarnação, Aldeia de Nogueira.

Serafim Dias de Oliveira, Aldeia das Dez.

Joaquim Marques, Pereira do Campo.

D. Inocência de Jesus Lemos, Coimbra.

Com 30\$00 o Senhor: João Martins, de Oleiros.

Com 40\$00 as Senhoras: D. Emilia Jorge Gouveia Ramos, Vila Cova.

D. Alcinda da Assunção Duarte Vieira, Estoril.

Com 50\$00 os Senhores: António Maria, Lisboa. Feliciano Portugal, Oliveira do Hospital.

Porfírio Luis da Silva, América do Norte.

Agostinho Mendes Duarte, Flórida.

António Ribeiro dos Santos Nobre, Coimbra.

Com 100\$00 os Senhores: Lúcio Jorge, Padrão — Castelo Branco.

João Gonçalves Matoso, Brasil.

Dr. Vasco de Campos, Avô.

Artur Alves Rodrigues, Luxemburgo.

A todos os nossos agradecimentos.

«Santa» de Lamego

Tenho recebido muitas perguntas sobre este caso. Se a mulher é santa ou não, se são verdadeiros os seus milagres, etc. Até há gente que me pergunta se valerá a pena ir a Lamego para se curar.

A revista de Lisboa «Observador», n.º 25, de 6 de Agosto de 1971, dá-nos estas conscienciosas informações:

Fernanda Gonçalves Lázaro, a «santa», anda pelos 60 anos e nasceu muito pobre. «Desde criança dava indícios de extrema excitação, a ponto de uma vez, exaltada, ter caído no chão, com evidentes sinais de um ataque histérico.

Tudo começou há cerca de vinte anos. Rezava diante de uma imagem de Santo António, quando o Menino Jesus que o Santo levava nos braços, lhe teria «piscado o olho», segundo a própria expressão dela... As «aparições» e «revelações» não acabariam mais.

As «curas» e «milagres» começaram nessa longínqua data. Mas diante do ridículo em que caiu e por causa dos protestos de muita gente séria retirou-se para S. Paulo no Brasil, onde casou com o Senhor Manuel Lázaro, de Lamego.

«Afirma-se que foi «médium» e que ainda hoje recebe um vencimento por isso. O certo é que, ao voltar a Portugal, há cerca de dois anos, não tardou a recomençar as suas actividades. A sua fama espalhou-se rapidamente, sobretudo por meio dos donos de empresas de transportes e organizadores de excursões populares, que têm ali uma mina, sempre a correr generosamente...

Como se dão as curas?... Às vezes limita-se a rezar em coro, com a multidão, orações bem conhecidas... Se é dia de sol, fita o astro, e, asseverando que

viu nele determinados sinais misteriosos, aconselha-os a regressarem a suas casas porque, ao chegarem lá, todos ficarão curados.

Mas, ordinariamente, atende um por um. Aos cegos passa-lhes as mãos nos olhos, sopra-lhes neles («bufa-lhes»), como se exprimia um homem do povo que ela tentou curar) e despede-os, garantindo-lhes que não tardarão em ver. Aos paralíticos, beija-lhes os pés, passa-lhes as mãos pelos membros tocados e ordena-lhes intimamente, depois de os fitar bem nos olhos, que se levantem e andem, lançando fora as muletas. A gogos, toca-lhes na garganta com os dedos e imperativamente manda que falem sem tropeçar numa só palavra. Pensamos logo nas técnicas da hipnose e do mais misterioso magnetismo animal...

Ora manda os doentes a determinados santuários, sobretudo ao de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, para que a cura lá se conclua, ora afirma que recebeu de Nosso Senhor o poder de sarar todos os doentes. Até já tentou ressuscitar um cadáver...

Por mim estudei todos os casos que pude. E em nenhum encontrei qualquer manifestação milagrosa. Trata-se de fenómenos de sugestão colectiva, em que os milagres se inventam em série, pela voz anónima que vai de boca em boca ou de vulgar sugestão sobre espíritos simples e doentes, feridos por doenças neurológicas, que momentaneamente se consideram curados, mas que não tardam em voltar ao mesmo estado, uma vez passado o efeito hipnótico ou magnético».

Conta ainda o escritor que nas ruas corria um grande brado: — «A filha já tem o poder da mãe. Está em casa a fazer o milagre das rosas.

Fomos para lá. De caminho, ia vendo e ouvindo. Duas mulheres da aldeia, ainda novas, murmuravam uma para a outra:

— Santa? É tanto como nós. Ao qual a companheira opôs: — Se calha, ainda menos.

Embora a custo consegui romper, subindo as escadas estreitas de casita humilde, até à ramada interior em que a filha (que terá abandonado o marido e viverá irregularmente com outro homem) recebia os doentes. Sentada numa cadeira, unhas dos pés e das mãos pintadas de vermelho, ladeada por fiéis serventuários que, à maneira de servitas, vinham trazendo os desgraçados, meio desmaiados, lá de fora, escadas acima, tocava no rosto deles com uma cravelinha campestre e despedia-os. Aproximei-me e declarei que vinha fazer uma reportagem completa para esta revista. Logo me esclareceu muito compenetrada, que a mãe fora para o monte fazer penitência, a pedido de Nosso Senhor, e que de lá lhe mandara aquelas florinhas para que as distribuísse por esta pobre gente».

No excelente jornal do Porto «A Ordem» o escritor Neves de Castro expôs as mesmas ideias e acrescenta referindo-se à mãe, Fernanda Lázaro:

«A autoridade eclesiástica proibiu, há um ano, que lhe dessem a comunhão enquanto ela não acabasse com esta exploração.

Em resumo:

- 1) Não há neste caso nada de sobrenatural, nem nenhum verdadeiro milagre.
- 2) As «curas», se alguma houve, são factos naturais. Devem-se à sugestão, hipnotismo e magnetismo.
- 3) Nem a mãe, nem a filha, parecem ter nada de santas.

(DA CRUZADA EUCARÍSTICA)

S. Vicente da Beira

FALECIMENTO

Faleceu confortada com os Santos Sacramentos da Santa Igreja a Sr.ª Margarida Moreira, de 75 anos de idade, natural desta vila de S. Vicente da Beira. Foi chamada por Deus para a sua divina presença, deixando viúvo seu marido o nosso assi-

nante da «Voz do Santuário», Sr. Agostinho Miguel e mãe de sete filhos, genros, noras e netos.

Era dotada de bons sentimentos de coração.

A todos os familiares e principalmente ao nosso grande amigo e assinante da «Voz do Santuário», expressamos as nossas sentidas condolências.

CIGARROS OU CRUZ DE CRISTO?

Em certas tribos africanas e asiáticas, chamadas por nós — «os civilizados» — povos selvagens ou subdesenvolvidos, existe o costume de os seus mortos levarem para a sepultura os objectos de mais estima ou mais usados por eles durante a vida terrena.

E, segundo as regiões, uns levam dois pauzinhos com que comiam o arroz; outros, ainda, zagaias, tangas, argolas, catanas cachimbos, vasos de barro, utensílios de madeira e outras bugingangas parecidas.

E nós, ao vermos ou ouvirmos falar disto, meneamos irónicamente a cabeça, soltamos um riso sarcástico e de compaixão, pois consideramos tudo isto, costumes bárbaros.

Mas nós, os cristãos, que nos temos por povos super-desenvolvidos e super-civilizados, não somos, neste aspecto, mais bárbaros, mais idiotas e mais ilógicos do que eles? Não temos ridicularizado e continuamos a ridicularizar o Cristianismo?

Infelizmente é verdade. E se não, vejamos:

Morre um senhor da alta sociedade, que diariamente trouxe nos dedos um delicado e fumegante cigarro das marcas mais famosas, e metem-lhe entre esses mesmos dedos inertes e frios, um terço de contas pretas, coisa que ele nunca usou ou talvez nem sequer viu durante a vida!...

Morre uma menina com 78 anos de idade e, a fim de que vá mais elegante para a última morada, colocam-lhe entre as mãos um artístico crucifixo, quando lhe deviam colocar um frasco de perfume ou um estojo completo de manicura!...

Eu classifico este costume uma das maiores fantochadas.

Não seria muito mais lógico e natural que a certos defuntos e defuntas lhe metessem entre as mãos um garrafão de vinho, um espelho de bolso, uma bola de futebol, um baralho de cartas, um par de sapatos com tacões altos e afunilados, uma colecção de fotografias indecentes, um tubo de «baton», uma guitarra eléctrica, três lápis de pintar os olhos, um soberbo charuto, uma caixinha de pó-de-arroz, uma caixa com dois contos em moedas de tostão ou um caixote de livros e revistas pornográficas?

Tudo o que a religião possui de sagrado, tem uma finalidade determinada e não deve ser utilizado para fins menos dignos ou irreverentes. Como disse Cristo: «Não é bom dar o pão dos filhos aos cães nem se devem deitar as pérolas aos porcos».

Já é tempo de darmos às coisas o seu justo valor e de não fazermos do Cristianismo uma paródia infame e revoltante.

DINIS DE VILARELHO
«Paz e Bem»

Café Vaivém

em

Aldeia das Dez

no Largo das Fontes,
(junto ao pelourinho)

com

carro de aluguer

de

Serafim Mendes da Costa

Telefone 57171

Aldeia das Dez

Casamento. No dia 18 de Dezembro na igreja paroquial, realizou-se o casamento de José Cristóvão, filho de José Cristóvão Dias e de Albertina Cristóvão, com a menina Maria do Céu Garcia, filha de José Madeira, falecido e de Encarnação Garcia.

Falecimento. No lugar de Aldeia das Dez, no dia primeiro de Janeiro faleceu a Sr.ª Doroteia de Jesus, de 90 anos de idade.

Récita. Promovida pela menina Maria Helena Bento Figueiredo, educadora do Jardim da Infância, com a colaboração do

seminarista António Pinheiro Lourenço, realizou-se no salão da Assistência uma linda festa infantil, com as crianças do Patronato e do Jardim da Infância. Houve várias canções, recitativos, alguns números de teatro e danças que foram muito aplaudidos. Foram muito apreciados os números de danças das crianças do Jardim da Infância, de 3 e 4 anos.

Estas festas são altamente educativas, fazem bem às crianças e às próprias famílias.

Estão pois de parabéns os seus promotores que não se pouparam a trabalhos para que tudo saísse bem e agradasse, como de facto agradeceu.

SÃO PAULO SER RELIGIOSO

(Continuado da página um)

Nos nossos dias haverá talvez mais quem o imite antes da sua conversão, do que propriamente na vida de apostolado.

Mas os homens têm fome da palavra de Deus «ai de mim se eu não evangelizar». Até talvez, porque muitos obreiros se deitaram a dormir e não semearam a palavra de Deus, é que se chegou a esta situação tremenda, a esta crise de fé, que ameaça perder até os próprios eleitos.

Hoje tudo se discute, tudo se põe em dúvida, como se Deus já não fosse o mesmo, como se a doutrina do Evangelho tivesse falhado. Não. O Evangelho é a palavra de Jesus, o grande, o único Mestre.

A crise de fé existe porque há muitos doutores e poucos

evangelizadores; há muitos ministros e poucos apóstolos.

S. Paulo é ainda hoje uma voz que prega, não no deserto, mas nas nossas igrejas cheias de gente, mas não o ouvem; a sua doutrina (que é a do Mestre) não se harmoniza com os desejos dos homens modernos e é por isso que há muita gente nas grejas e poucos cristãos de mandamentos.

S. Paulo ainda hoje pode servir de modelo na vida de apostolado.

É o amor de Cristo que nos força a trabalhar por amor das almas, dizia ele.

Por isso nem a chuva, nem o vento, nem a fome nem os tormentos, nem o perigo da própria morte, nos pode separar do amor de Cristo.

Há dois extremos que se devem condenar e combater: o dos que julgam que religião é, apenas, o cumprimento de muitas práticas e o dos que pensam que, para se ser religioso não é preciso ir à Igreja.

Os primeiros comprometem a religião porque a separam da vida activa e real. Passam, por vezes, muito tempo na Igreja, batem imensas vezes no peito, pertencem a todas as associações e confrarias e vivem, por fora, uma vida sem caridade, justiça e compreensão, dando escândalo aos que não têm fé.

Os segundos são os que dizem: «Eu cá tenho a minha religião»... Falam muito de religião, por vezes, dão-se como católicos nos recenseamentos e estatística, mandam baptizar os filhos, ou casam pela Igreja, porque parecia mal não fazerem estas coisas e querem o Padre

nos funerais para maior luzimento e concurso dos fiéis. Mas não entram na igreja e criticam até todas as leis e ordens da autoridade superior.

Entre estes dois extremos, há o meio termo equilibrado dos que de facto têm a verdadeira noção de religião.

Observam as práticas preceituadas sem fanatismo ou beatismo. Frequentam os sacramentos, porque eles nos foram deixados por Cristo para nosso bem e santificação. São activos na difusão dos ideais religiosos, porque Cristo quer que todos os seus sequazes sejam apóstolos. Na sua vida profissional cumpram com exactidão o seu dever, a exemplo de Jesus que mandou «dar a César o que é de César».

Nas suas relações com o próximo são compreensivos e usam de caridade, porque a lei que nos foi dada é esta «Amai-vos

uns aos outros como Eu vos ameii» e sabem que devem ver nos outros homens irmãos autênticos e verdadeiros em Cristo.

Religião não é, pois, apenas um cumprimento frio ou fari-saico de certas práticas, ou uma vida naturalmente moral e correcta longe das práticas de culto. Mas sim, as duas coisas associadas. Uma vida integral iluminada pela Fé, aquecida na Caridade, recta na Justiça para Deus e os homens.

Viver duas vidas diferentes — uma na igreja ou na rua — e um grande mal que afasta os que não têm fé.

Façamos exame de consciência neste começo de ano, para que possamos depois levar uma vida nova.

Há um ditado que diz: «Ano novo, vida nova». Que 1972 marque por uma vida nova, mais cristã e consciente.

PELO SANTUÁRIO

(Continuado da página um)

ram telhas novas. Nestas reparações gastaram-se já 25 contos.

Logo que o tempo melhor, as paredes serão caiadas e as portas e caixilharias serão pintadas.

— Vai também ser construído o muro à beira da estrada que é do Santuário, para evitar o abuso de aberturas de serventias não autorizadas.

É pena que aqueles que se dizem cristãos e católicos não respeitem os lugares sagrados.

AVISO

Por motivo de o cozinheiro da *Voz do Santuário* ter estado doente, não foi possível publicar o jornal no mês de Dezembro findo. Pedimos muita desculpa

aos nossos muito estimados assinantes.

E como o inverno está ainda para durar, a doença pode voltar por isso, se o jornal voltar a faltar, não há que estranhar.

Entretanto, muito desejariamos pôr as contas em dia, mas muitos assinantes andam esquecidos. Claro que não é por falta de dinheiro, nem por caloteirice, nem é por mal. Não senhor. É só por a carteira andar encostada ao coração e as notas não passarem para um envelope com a direcção do jornal. Assim se estraga a nossa vidinha. Sem as notas nem a música toca, nem as máquinas trabalham, nem a gente pode fazer contas.

Os assinantes esquecidos mettem-nos em sarilhos por falta de pagamentos.

Vejam lá isso, amigos.

ANEDOTAS

Entre bebados

o000o

Sabes? O vinho perturba-me tanto que não posso trabalhar. Terei que deixar...

— O vinho?

— Não homem, o trabalho.

o000o

— Emprestas-me cem escudos?

— Não.

— Fazes mal, um amigo deve sempre ajudar o outro.

— Pois é, mas tu queres ser sempre o outro.

Um turista chega a uma povoação da serra e encontra um homem do campo.

Depois de várias perguntas o turista pergunta-lhe: cá na terra já cá nasceu algum grande homem?

O homenzinho fica muito admirado e responde: Ná, não senhor!

Aquí nascem todos muito pequeninos.

És Homem Moderno?

Lê e Pensa

É triste não ter fé. Mais triste ainda é ter tido e tê-la perdido por culpa própria.

Não é menos lamentável nem menos desastroso dizer que se tem fé, mas viver praticamente como se tal fé não existisse.

Não ter fé é a maior das desgraças. O homem que não tem fé, não pode responder a uma série de perguntas que inevitavelmente lhe dará a voz da consciência: Donde venho? Para onde vou? Existirá alguma coisa além-túmulo? Que é a vida? Que é a morte? Porque sofro e trabalho e tenho fome, ao passo que o meu vizinho vive na fartura? Porque choro e vejo chorar os inocentes?

Para os que crêem pode haver imensas dores; nunca haverá desespero.

Pelo contrário, o homem sem fé sentirá o seu coração vazio.

Se é desastroso nunca ter tido fé, é mais lamentável e ruinoso tê-la tido e havê-la perdido por culpa própria.

Ser apóstata é ser um monstro. É renegar a Igreja nossa Mãe, Cristo nosso irmão, Deus nosso Pai. É abominar tudo o que é santo, nobre e digno.

Desgraçado do que perdeu a fé.

Henrique VII, da Inglaterra, depois de perder a fé e de atirar uma nação inteira para as labaredas do cisma, morreu com este grito de desespero nos lábios:

Tudo perdido — o trono, a fé, o céu.

Voltaire, que tanto zombara da confissão, quis ter um padre junto de si à hora da morte, para se confessar. O padre veio, mas os amigos não o deixaram entrar. Voltaire revolveu-se no leito da morte, arrepelava os cabelos, crispando os punhos num gesto de desespero, vociferou como um condenado: Morro amaldiçoado de Deus e dos homens; morro como um cão.

Lutero, frade apóstata, que casara com uma freira saída do convento, um dia olhando para

o céu estrelado, disse para Catarina: O céu não é para nós.

— Porquê, perguntou ela? — Porque abandonamos os nossos conventos. — Então voltemos para lá.

É tarde, respondeu Martinho Lutero, o carro já está muito atolado.

Não é a razão, mas a carne que abafa o homem de Deus.

Só não acredita em Deus, o homem a quem não convém que ele exista.

O povo deixa de crer quando começa a perder os bons costumes.

SAIBA QUE...

Rádios e televisores, sem igual, para vender e consertar, em Oliveira do Hospital, tudo pode encontrar.

E o José Lourenço Dias técnico competente, satisfaz toda a gente, às ordens todos os dias.

Se não sabe onde ele mora isso pouco importa. Se gritar Ó da Guarda, ela fica-lhe mesmo à porta.